

Avanços e perspectivas na utilização das fontes orais em historiografia recente¹

Rejane Penna

Doutora em História, professora do Centro Universitário La Salle.
Historiógrafa do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. E-mail: rejanepenna@uol.com.br.

Resumo

As fontes orais, recusadas por muito tempo pela historiografia tradicional, tomaram, pouco a pouco, espaço privilegiado na nova historiografia. O presente trabalho busca esclarecer se a ampliação do número de pesquisadores que se envolveram com as fontes orais e utilizaram os resultados obtidos em suas pesquisas foi acompanhada, no mesmo nível, pelo aprofundamento metodológico, implicando em avanços reais na discussão historiográfica.

Palavras-chave: historiografia, fontes orais, metodologia.

Abstract

The oral sources, which had been rejected by traditional historiography for a long time, have slowly gained a privileged space in the new historiography. The present study aims at clarifying if the increase in the number of researchers that got involved with oral sources and made use of results obtained in their researches was accompanied by a methodological deepening, implicating in real advances in the historiographic discussion.

Key-words: historiography, oral sources, methodology.

Introdução

Uma das decorrências do processo de ampliação da abordagem histórica foi a inclusão de novas fontes para trabalhar com problemáticas contemporâneas. Entretanto, a leitura dos raros

trabalhos que investigaram essa problemática demonstrou a necessidade de maiores aprofundamentos, tendo em vista que o percurso historiográfico estudado e exposto tem a potencialidade de não apenas incentivar novos caminhos, mas de proporcionar elementos para a necessária autocrítica dos historiadores.

Para tanto, neste texto, aborda-se a inclusão das fontes orais na historiografia recente, o que tem sido acompanhado de polêmicas e hesitações. Mas um olhar sobre a trajetória da reflexão histórica demonstra que a desconfiança com as fontes orais é relativamente recente podendo-se verificar, conforme mencionado por Olson (1997, p.166), que apenas nos séculos XII e XIII os documentos escritos começaram a substituir o testemunho oral, repercutindo na compreensão das Escrituras, dos sacramentos e da natureza.

O retorno da utilização do testemunho oral na historiografia, já no século XX, pode ser melhor compreendido com o impulso importante que ocorreu com o fortalecimento de tendências e correntes que influenciaram muitos historiadores a ampliar não só o objeto a ser pesquisado, mas, sobretudo, a noção de fonte histórica.

Concentrando o foco, o percurso da utilização das fontes orais no Brasil, os anos 70 assistiram, se não uma revolução epistemológica, a algumas transformações significativas na interpretação e escrita da História. O contexto político-social brasileiro do período contribuiu para que visões alternativas abrissem espaço à introdução de novas práticas de pesquisa, buscando lugar nas Universidades que, em

¹ Este artigo é parte da tese de doutorado, intitulada "Fontes orais e historiografia do Rio Grande do Sul: novas perspectivas ou falsos avanços".

sua maioria, concentravam seus estudos no Brasil colonial e no século XIX. No máximo, era abordado o período republicano, até a Revolução de 30. O impulso final ocorreria com a implantação dos cursos de pós-graduação em História no Brasil, que nos anos 80 consolidaram enfoques em História Social e Cultural, conforme analisado por Fico (2000) e Lapa (1976).

Admitindo fontes novas e situadas também nesse presente, as novas tendências buscaram temas e personagens relegados a um papel secundário ou absolutamente ausente nas narrativas históricas, estendendo-se também aos modos de vida, abrindo o caminho para a generalização do uso das fontes orais na historiografia.

Mas, após este breve inventário, uma interrogação impõe-se: a utilização das fontes orais estará proporcionando uma efetiva renovação nos estudos históricos? Sabe-se que a atenção dada aos novos objetos e estratégias de pesquisa, análise e escrita da História não é privilégio de quem trabalha com fontes orais. Para que a inovação proporcionada pelas fontes orais seja efetivamente reconhecida, é necessário provar que realmente se trata de uma nova contribuição e que agrega uma metodologia e instrumentos de análise consistentes, confiáveis e generalizáveis às demais pesquisas na área.

Considerou-se, então, válido e útil à discussão histórica investigar se, efetivamente, a ampliação do número de pesquisadores que se envolveram com as fontes orais e utilizaram os resultados obtidos em suas pesquisas foi acompanhada, no mesmo nível, pela discussão e aplicação de metodologias conseqüentes e inovadoras, no campo da História.

Dada a abrangência da problemática, o tema foi delimitado na historiografia do Rio Grande do Sul, a partir dos anos 90, pressupondo que o recorte, metodologicamente, seria capaz de apreender um determinado estágio do processo de utilização das fontes orais na investigação e escrita da História, sem isolá-lo, inserindo-o como produto de um espaço particular articulado dentro de uma organização social mais ampla.

Foram selecionados trabalhos que utilizaram fontes orais, majoritariamente ou não e analisou-se especificamente sua inserção, a forma como foram trabalhadas e as conseqüências geradas, procurando identificar limitações e avanços no campo da discussão historiográfica².

Partiu-se do pressuposto de que o ambiente com maiores recursos para avaliar os avanços metodológicos seria o dos historiadores com formação acadêmica, à medida que a universidade exige um nível de coerência e rigor metodológico que testa, discute, aprova e, posteriormente, generaliza suas experiências de pesquisa. É consenso que se muitas inovações em termos de historiografia não partiram da Academia, foi lá que boa parte delas teve início e desenvolvimento, particularmente em trabalhos dos Cursos de Pós-Graduação

Feitas estas considerações e dada a complexidade da tarefa, necessitava-se de um ferramental teórico-metodológico que permitisse trabalhar com os textos de forma a organizá-los, distribuí-los, ordená-los, reparti-los em níveis, distinguindo o que era pertinente do que não era, delimitando elementos, definindo unidades e descrevendo relações. A forma de operacionalização das análises realizadas procurou ter elasticidade para não enfeixar o processo de pesquisa.

1. Análise dos trabalhos

A sistemática da coleta de dados obedeceu a seleção de trechos dos trabalhos que explicitavam os objetivos do autor, teórica e metodologicamente, incluindo a leitura dos materiais para identificar quais deles estavam de acordo com os objetivos da pesquisa.

Em relação ao conteúdo da orientação teórica procurou-se identificar o conteúdo da “fala” com alguma corrente teórica explicativa. Portanto, o conteúdo emergente do discurso foi comparado, ou a algum tipo de teoria, ou a determinada linha de desenvolvimento de raciocínio, compondo um painel de concepções que se relacionaram, de uma forma ou outra, com as fontes orais.

Nesse sentido, verificou-se as limitações e os avanços na utilização das fontes orais, analisando formas diferenciadas no tratamento das mesmas, que combinadas e reunidas às informações gerais do trabalho, possibilitaram uma visão abrangente da forma final de inserção das fontes orais no estudo.

² Todos os trabalhos estão com sua identificação completa na referência bibliográfica.

	Item 1	Item 2	Item 3
Título do trabalho	Partido de Representação Popular: política de alianças e participação nos governos estaduais do Rio Grande do Sul de 1958 e 1962	Guardar e celebrar o passado: O Museu de Porto Alegre e as memórias da cidade.	Os filhos da Escravidão – Memórias de descendentes de escravos da Região Meridional do Rio Grande do Sul
Ano	1999	1998	1992
Instituição	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Objetivos do trabalho	"[...] refletir acerca do sistema partidário sul-rio-grandense a partir da intervenção do PRP nas eleições estaduais de 1958 e 1962". (resumo)	"[...] pretende-se ver em que medida o Museu de Porto Alegre constitui-se em um espaço de luta material e simbólica em torno da definição do que deve ser preservado para as futuras gerações (p.8).	Investiga a história dos descendentes de escravos da região meridional do Rio Grande do Sul
Conteúdo orientação teórica Dominante	Muitas dificuldades para identificar já que a autora pouco teoriza em seu trabalho. Cita diversas posições sem definir-se.	"O pressuposto principal da investigação é de que o percurso que leva um objeto ou conjunto de objetos a fazerem parte do acervo de um museu não é, de modo algum, aleatório.[p.7].	"Na visão dialética marxista, acredita-se que o trabalho e a resistência são os elementos articuladores da vida e da história".[p.136].
	Item 1	Item 2	Item 3
Bibliografia utilizada	História, política, documentos partidários, discursos e projetos de lei	Predominância de obras relativas à História, Museologia e Patrimônio, mas existe bibliografia específica de História Oral.	Cinquenta obras entre as áreas de História, Direito, Antropologia, Filosofia, Teoria Literária, Geografia e memória.
	Item 4	Item 5	Item 6
Título do trabalho	Lupicínio Rodrigues: A Cidade, a Música, os Amigos	Candiota: De luzes e Cinzas	O Novo Sindicalismo no Brasil Meridional
Ano	1995	1998	1998
Instituição	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Objetivos do trabalho	"Retomada do gênero biográfico sob uma perspectiva historiográfica, estabelecendo relações entre este tipo de abordagem e as histórias de vida, social e cotidiano." [p.6].	"[...] abordar os vários aspectos que envolveram a implantação da termelétrica Candiota I, especificando os aspectos favoráveis desse empreendimento, bem como efeitos diretos e indiretos sobre a região" (p.5).	"[...] reordenação do movimento sindical brasileiro no período de 1978 a 1994, que provocaram transformações sociais no relacionamento dos movimentos operários com a sociedade e os poderes constituídos do Estado, (p.1)
Conteúdo Orientação teórica dominante	Como Heller (1982:44), acho que é possível compreender uma parcela da realidade através da busca do sujeito e, nele, do próprio ser humano" (p.9).	"Trabalho o espaço de Candiota 'como um produto do trabalho humano e não como um mero plano (suporte) dos homens e suas atividades, como é habitualmente compreendido. (p.17).	"Em nossa narrativa, o sujeito histórico é privilegiado.[...] Isto é, o que o inspira, agita, conduz e o movimenta ao encontro de outra coisa no sentido de sobrepô-la ou absorvê-la, procurando ocupar o espaço político
Bibliografia utilizada	Bibliografia diversificada. Constam obras sobre memória e História Oral.	Diversificada. Geografia, História, Ecologia e Antropologia. Memória e interpretação de discursos	História, Filosofia e Política.

Lidando com aspectos eminentemente políticos, o item 1 pretendeu analisar o sistema partidário em um período recente, utilizando o contexto de uma eleição. A princípio, acreditou-se que a explicitação do ponto de vista teórico (na parte inicial do trabalho foram descritas diversas teorizações, sem aderir a nenhuma) seria evidenciado ao longo do texto. Tal não ocorreu, pois a estratégia utilizada foi uma história narrativa e a lógica da inserção das fontes orais pode ser vista como mais uma opção de fonte, apenas.

Relacionando a orientação teórica dominante, os objetivos da pesquisa e o uso das fontes orais, verificou-se que se o item 2 não envolveu especificamente categorias subalternas da sociedade, não se poderia afirmar que tivessem o poder de uma voz oficial para deixar seu registro. No caso, as fontes orais foram utilizadas de forma coerente à proposta teórica, pois permitiram trazer à tona as múltiplas vozes que propiciaram o entendimento da formação do acervo da instituição museológica. Trabalhou com a noção de memória socialmente construída e, portanto, objeto de disputas passíveis de identificação no estabelecimento dos lugares da memória e das relações entre objeto e representação. Logo, a fonte oral integrada à pesquisa auxiliou no desenvolvimento da idéia de que o museu teve seu acervo formado como resultante de um espaço ocupado por lutas materiais e simbólicas.

No item 3, o autor expôs suas idéias ligadas à determinada interpretação marxista, destacando os processos de trabalho como palco privilegiado para analisar a resistência dos oprimidos. Não cedeu a economicismos redutores, ingressando no que se poderia chamar de perspectiva “holística” e procurou trabalhar com a dimensão cultural unida aos componentes econômicos e políticos. Em se tratando de uma pesquisa que buscou discutir a trajetória da categoria mais oprimida da sociedade de então, os escravos, trouxe uma absoluta inovação ao incorporar as fontes orais como condutoras privilegiadas de uma narrativa, na figura dos descendentes desses escravos.

Em comum aos dois últimos trabalhos mencionados, a concepção de que a sociedade desenvolve-se por intermédio de lutas, dominações, resistências e acomodações, enfatizando a importância de integrar as peculiaridades locais aos grandes processos estruturais, em que as fontes orais surgem como vozes alternativas aos discursos dominantes.

O item 4 trabalhou com um personagem e pretendeu contribuir com inovações no gênero

biográfico, adotando uma perspectiva historiográfica que privilegiou a inserção social do indivíduo, compreendendo seu sistema de relações, o tempo e o lugar em que viveu como elementos componentes para o desvelamento de sua trajetória e relação com a música. Buscou, por intermédio dos depoimentos, identificar o próprio processo de produção musical de Lupicínio e sua obra como produto de um complexo integrado por uma determinada compreensão de mundo, relações familiares e sociais, bem como o contexto social em que viveu. Lupicínio não foi visto como indivíduo isolado, mas sujeito histórico, elemento privilegiado para compreensão de determinado contexto e realidade, não o descolando de seu tempo e lugar, o que o transformou, por sua ação humana, em agente facilitador para a compreensão do processo histórico.

O item 5 escolheu um fato - a implantação de uma termoelétrica em uma comunidade - para investigar os efeitos que causou. A inserção das fontes orais partiu do pressuposto da necessidade de recorrer a várias áreas do conhecimento para abordar o tema, a visão e atuação dos indivíduos, já que o espaço foi considerado como construção humana historicamente vivida. Logo, se em sua orientação teórica não dissociou espaço e sociedade, foi coerente que considerasse as fontes orais como elementos integrantes para atingir seus objetivos de pesquisa.

O item 6 estudou um tema muito recente: a reordenação do movimento sindical pós-Vargas. No caso, tal como o item 4, considerou sujeito histórico como o indivíduo que influencia e é influenciado pelo contexto e o espaço em que vive, logo o depoimento foi fonte importante para identificar como esse sujeito dialogou com as tensões.

Concluindo parcialmente a análise das condições gerais dos trabalhos, percebeu-se que os autores em suas opções teóricas buscaram as construções analíticas que permitiram a alteridade de posições e, por conseguinte, a visão dos atores envolvidos como componentes do processo histórico. Independente de se efetivamente aplicaram ao longo do trabalho os conceitos dos teóricos citados, existiu, em comum a busca por orientações que possibilitassem uma forma mais livre de utilização de fonte, permitindo e até conduzindo à fonte oral. A bibliografia utilizada também forneceu pistas sobre as visões teóricas dos autores. A maior parte relacionou fontes orais, história e memória, tendo em vista a inclusão deste tipo de obra como referência.

Perpassando todas as orientações teóricas

arroladas, a visão da sociedade como construção envolvendo seus diferentes setores. Nesse sentido, a utilização das fontes orais refletiu estes pressupostos, pois revelou a importância dada a pontos de vista não oficiais, muitas vezes, alternativos, nem sempre contestadores, mas partindo de atores com posições pouco privilegiadas, em termos de poder, na problemática do trabalho que integram.

1.1 O instrumento de trabalho

Em relação à recriação da atmosfera no momento da entrevista, percebeu-se que a maior parte dos autores enfocados não compartilhava, ao menos na época da elaboração de suas pesquisas, da concepção de que a descrição do ambiente, das expressões faciais e demais dados que auxiliassem a recriar o momento da entrevista para o leitor, seriam relevantes. O item 3 foi o único que se preocupou em trazer o maior número possível de elementos identificadores da fonte oral, como fotografia no momento da entrevista, contexto, ambiente e atitude do entrevistado.

A indiferença em relação à atmosfera do momento da entrevista é uma postura não compartilhada por muitos adeptos da utilização das fontes orais, que procuram transferir para o texto não apenas as palavras, mas os gestos e informações diversas, caso do grupo que trabalhou com a Memória Integralista, em Pernambuco, mencionando, por exemplo, o cuidado que os entrevistadores tiveram ao se trajar de forma clássica para o encontro com os depoentes:

Nossos cuidados mostraram-se válidos quando encontramos nossos entrevistados 'prontos para a visita': todos, com exceção do professor Potiguar Mattos, que se encontrava no trabalho do Arquivo, estavam vestidos de terno e gravata. Levantavam-se da cadeira para o cumprimento com um forte aperto de mão, seguido por um respeitoso: Bom dia (boa tarde)!, como vai a senhorita? (SILVA, 2001, p.153)

Outro exemplo de incorporação de dados além da palavra para compor o quadro da entrevista, foi o estudo sobre a memória de trabalhadores no Recôncavo Baiano:

O depoimento de Maria ganha dramaticidade ao tratar de suas experiências acerca de Salvador. A voz apresenta sensações de raiva e tristeza. As lembranças

necessitam longas falas para expressar o urbano como 'uma coisa do outro mundo'. (SANTANA, 2001, p.211)

A questão remete-nos à intersubjetividade e ao inevitável encontro transformador do momento da entrevista, peculiaridade do trabalho com a fonte oral, e um dos fatores que a diferencia das outras fontes, ao mesmo tempo, que traz enriquecimentos e dificuldades. Estas dizem respeito aos cuidados e erudição que se deve adquirir, ou aprimorar, para tratar com uma fonte que literalmente "explode" em várias direções, lançando vetores com potencialidade, caso explorados, de inovarem temáticas, suscitarem problemáticas, corrigirem rumos e renovarem teses

Análise da entrevista	Item 1	Item 2	item 3
Depoimento analisado com base em conhecimentos históricos ou com recurso a outras Ciências Humanas	Não analisado individualmente. É situado dentro de um contexto, ora para exemplificar uma opinião política, ora para exemplificar uma situação.	Utiliza recursos dos estudos sobre a memória.	Algumas vezes utiliza referenciais de estudos da memória.
Depoimento analisado com base no senso comum ou técnica própria			Em alguns casos.
Análise da entrevista	Item 4	item 5	Item 6
Depoimento analisado com base em conhecimentos históricos ou com recurso a outras Ciências Humanas	A autora optou pelo que se denomina "historiografia compreensiva", quanto à história oral. Neste caso, "Para Heller (1982) a leitura dos testemunhos é a pedra angular de todas as dimensões históricas e de vida. Implica em que se indague o sentido das afirmações, o significado do signo e dos símbolos... (. 13)	Apesar de constar na bibliografia obras que tratam da análise do discurso e dos mecanismos da memória, a autora não aplica suas técnicas e reflexões na análise das entrevistas.	Pode-se dizer que analisa as entrevistas com base em conhecimentos históricos. É difícil classificar este item no trabalho, pois o autor enfoca os temas com base nas informações de todas as fontes disponíveis.
h.3 Depoimento analisado com base no sendo comum ou técnica própria	No caso das entrevistas realizadas pelos jornais.	Em alguns analisado com base no senso comum, como no caso do depoimento do prefeito local: "Não se trata de falha, mas de descompromisso, descuido, desrespeito com a natureza e com os moradores. (p.147)	

tradicionais na historiografia.

1.2 A interpretação das entrevistas

A interpretação dos depoimentos é um dos pontos nevrálgicos nos trabalhos aqui selecionados. As dificuldades por que passam os historiadores, sobretudo, quando desenvolvem trabalhos ligados às universidades, sujeitos à crítica fundamentada na erudição construída na área, não são novidade.

A problemática de analisar o material pesquisado remonta aos anos 60, quando a abordagem qualitativa superou a quantitativa, identificando-se no trabalho de Oscar Lewis, com as histórias de vida dos membros da família Sanchez, publicado em 1961, o marco precursor (conforme LACAPRA, 1985).

A maior inovação fora a utilização de uma conquista tecnológica da época – o gravador – um dos fatores reavivantes do relato oral. Mas, apesar da visão profunda que imprimiu aos relatos, Lewis não deu

qualquer passo científico no sentido de articular a história individual ao contexto sócio-histórico-cultural e os dados continuam a falar por si mesmos.

A discussão sobre a análise e a interpretação do material coletado relativo às fontes orais permanece apontado como o problema maior deste método, sendo consenso no meio acadêmico da imprescindibilidade de trabalhar os dados recolhidos.

No item 2, os depoimentos foram analisados com recursos teóricos tanto da História como de estudos da memória e Museologia. O resultado foi produtivo, facilitando a compreensão das narrativas, suas aparentes contradições, a memória seletiva, bem como os “erros” e incorreções históricas como fruto de construções elaboradas pelos indivíduos entrevistados.

Válida e instigante foi a utilização da teorização para demonstrar, por intermédio de um depoimento, o percurso de um objeto, de elemento utilitário a documento da sociedade. Nas vezes em que aplicou os conhecimentos sobre a produção da memória, obteve bons resultados, pois a entrevista não se fechou em um código indecifrável e totalmente personalizado, possibilitando o desvendar de o porquê de determinadas falas.

Apesar do avanço proporcionado pela teorização utilizada, uma construção metodológica para sistematizar a aplicação dos recursos teóricos às narrativas tornaria o quadro mais claro, propiciando um aproveitamento pleno da potencialidade dos depoimentos.

No item 3, mesmo contando com extensa bibliografia, não se percebeu qualquer metodologia na análise dos depoimentos recorrendo aos estudos sobre memória. O resultado foi o tratamento superficial da narrativa, eivado de “impressionismos”, do tipo “parece que”. O senso comum dominou a análise dos depoimentos, mesmo indicasse a complexidade da relação que se estabeleceu em uma entrevista, anotando a identificação que o depoente realizou entre entrevistador e a figura de um senhor de escravos.

Por vezes, tentou elaborar a análise das narrativas como construções sociais de mitificação, mas trabalhou com insuficientes recursos teóricos, além de desperdiçar trechos de depoimentos ricos em significados, como, por exemplo, quando um dos descendentes de escravos narrou o processo de ensino do trabalho que ficava a cargo de um escravo “dos ruim” (p. 65). O leitor imediatamente elabora a questão – o que significaria a expressão “dos ruim”? Por outro lado, não foram analisados trechos interessantes, relacionando partes das entrevistas à

memória popular e construções míticas, sem explicitar o porquê, ainda destacando elementos de forma simplista e óbvia (caso das atividades as quais os escravos dedicaram-se no pós-abolição).

Novamente, o sub-aproveitamento das fontes deveu-se à insuficiente compreensão dos elementos que interferiram em um depoimento, bem como a ausência de uma sistematização de análise da entrevista.

O item 4 inicialmente destacou sua opção pela “historiografia compreensiva”, em que a leitura dos testemunhos seria a pedra angular de todas as dimensões históricas da vida, devendo-se indagar o sentido das afirmações. Primeiro compreende-se, depois se explica.

A teorização exposta na parte inicial do trabalho não foi aplicada ao longo do texto, pois os depoimentos foram analisados em bloco, coletivamente, acreditando que mesmo misturando construções narrativas diferenciadas, teriam o mesmo sentido na interpretação da função social da música.

Não se conseguiu identificar as razões teóricas, mas o item 1 configura-se em outro trabalho que se inclui no método de analisar os depoimentos indiferenciadamente, à semelhança de um coro.

Sem utilizar a mesma justificativa, mas omitindo-se na análise dos depoimentos, o item 5 expôs teorizações, logo ao início do trabalho, mas sem aplicá-las, ao longo do texto. Quando a análise ocorreu, baseou-se no senso comum e na mera subjetividade, não trabalhando os depoimentos de forma sistematizada, sequer buscando utilizá-los como indícios para problematizações. Ao contrário, indignou-se, por exemplo: “Como é possível a população não ter atentado ainda para esse fato?” (p. 227), preocupando-se em dotar seu trabalho de um possível caráter mobilizatório: “Espero, (...) eu possa chamar a atenção para coisas bem simples que os habitantes podem fazer, contra a poluição, sem grandes investimentos, mas com boa mobilização” (p. 227).

Quanto ao item 6, é impossível verificar como analisou a fonte oral, já que misturou todas as fontes, sem especificá-las, ficando perceptível a falta de preparo para trabalhar com fontes orais.

No conjunto dos trabalhos, foi possível notar que não utilizou-se nenhuma técnica sistematizada para a análise das entrevistas, reunindo, de forma por vezes confusa, conhecimentos históricos, ou de outras áreas das Ciências Humanas, além de noções sobre memória, como procedimento de análise.

Muitas vezes, a riqueza de um depoimento foi subaproveitada e os avanços existentes na área da

interpretação das falas e representações praticamente ignoradas, ou apenas tangenciadas, resultando que as fontes orais fossem utilizadas em um nível excessivamente impressionista, irregular e, muitas vezes, superficial.

A hermenêutica do texto foi pouco trabalhada, permanecendo as análises em uma superfície que não penetrou nas camadas e dobraduras do depoimento. Caso tentassem uma leitura em profundidade, ou, no mínimo, com alguns recursos metodológicos desenvolvidos nas diversas sub-áreas das Ciências Humanas, os rumos das pesquisas teriam possibilitado uma contribuição bem mais efetiva, produzindo inferências, desvelando significados, conforme já foi observado por Núncia Constantino (2002, p.187).

De acordo com o que foi visto até aqui, o incômodo é que os caminhos ainda são experimentais e as análises não possuem um "corpo" solidificado, suficientemente discutido, o que ocorrerá, certamente, se aqueles que se aventurarem nessa área não recuarem frente aos questionamentos, tanto dos defensores da interdisciplinaridade, quanto dos defensores do âmbito restrito do historiador.

É importante ressaltar que os métodos e as técnicas qualitativas de investigação são procedimentos e instrumentos discutidos entre as diversas sub-áreas das Ciências Humanas. Pedagogos, sociólogos, antropólogos, historiadores e psicólogos, mesmo tendo entendimentos e aplicações distintas a respeito, concordam em aspectos importantes dos métodos qualitativos. Entre as convergências, o consenso de que os elementos mais operacionais deste tipo de análise, como a sua flexibilidade, são inegociáveis e um dos seus maiores méritos, não submetendo o investigador a nenhum procedimento rígido (JANKOWSKI, 1993).

Mas pode-se verificar, na maioria dos trabalhos enfocados, que, mesmo com recursos insuficientes e, muitas vezes, com teorizações expostas na introdução de seus trabalhos, ausentes no decorrer dos textos, esteve presente uma consciência da especificidade deste tipo de fonte e uma tentativa de transcender o tecido do depoimento como expressão de meras informações.

Conclusão

Observou-se que, quanto mais sérias foram as carências metodológicas em relação ao tratamento da fonte oral, proporcionalmente a importância desta diluiu-se, sendo utilizada de forma reduzida, tanto

numérica quanto qualitativamente. As conclusões que se basearam em fonte orais ofereceram uma base extremamente vaga, e, em alguns casos, desconhecendo-se a que pessoas referiam-se e o que efetivamente disseram, remetendo a questões ético-metodológicas, pois negando a necessidade de diferenciar a fala de cada um dos entrevistados, alguns trabalhos aglutinaram-nos em um conjunto homogêneo e indiferenciado internamente.

A amostra dos trabalhos indicou que, se algumas expectativas relativas às fontes orais, expostas nas introduções dos seus estudos, não se efetivaram, ocorreram bem mais por subutilizações e desperdícios de depoimentos e por falta de preparo metodológico, do que por uma insuficiência da própria fonte.

Trabalhar com fontes orais sem preparo específico demonstrou ser pouco produtivo e indutor de equívocos, além de integrar ao trabalho parte de um conteúdo de aparência pouco séria e impregnada de impressionismos e senso comum, pouco adequado a trabalhos acadêmicos.

Com algumas poucas exceções, foi possível verificar que a maior parte dos autores teve conhecimento e acesso à bibliografia referente à memória e ao tratamento das fontes orais. A dificuldade foi incorporar o conhecimento ao efetivo trabalho, o que pode ter sido agravado por certo isolamento na efetivação de suas propostas de inserção das fontes orais, comprovado pela inexistência de qualquer citação, ou referência entre si, denotando o desconhecimento das trajetórias anteriores que, caso estudadas, poderiam resultar em uma troca de experiências produtiva para o campo historiográfico.

As carências dos autores em relação aos avanços nas metodologias de análises qualitativas de texto e nas teorizações desenvolvidas nas áreas da História, Antropologia, Teoria Literária e Semiótica, entre outras, impediu o pleno aproveitamento dos conteúdos dos depoimentos e prejudicou, sensivelmente, uma colocação estratégica das fontes orais na construção interpretativa dos trabalhos arrolados.

Referências bibliográficas

CARDOSO, Claudira. **Partido de Representação**

Popular: política de alianças e participação nos governos estaduais do Rio Grande do Sul de 1958 e 1962 Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1999. Orientação René Ernaini Gertz.

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Pesquisa histórica e análise de conteúdo: pertinências e possibilidades. **Revista Estudos Ibero-Americanos** – PUCRS, V.XXVIII, n. 1, p.183-194, junho 2002

DALLA VECCHIA, Agostinho Mario. **Os filhos da Escravidão**: memórias de descendentes de escravos da Região Meridional do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1992. Orientação de Mário Maestri Filho.

FERRER, Tânia Rodrigues. **Candiota**: De luzes e Cinzas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. 1998. Orientação de Margaret Bakos.

FICO, Carlos. Algumas anotações sobre historiografia, teoria e método no Brasil dos anos 90. In: Guazzelli, César Augusto Barcellos; Petersen, Sílvia Regina Ferraz, Schmidt, Benito Bisso e Xavier, Regina Célia. (org.). **Questões da teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

JANKOWSKI, N.W., Wester, Fred. La tradición cualitativa en la investigación sobre las ciencias sociales: contribuciones a la investigación sobre la comunicación de masas. In: Jensen, K; Jankowski, N.W. (ed.). **Metodologías cualitativas de investigación en comunicación de masas**. Barcelona: Bosch, 1993.

LACAPRA, Dominick. **Rethinking Intellectual History**: Texts, Contexts and Language. Ithaca e Londres: Cornell University Press, 1985.

LAPA, José Roberto do Amaral. **Historiografia brasileira contemporânea** (a história em questão). Petrópolis: Vozes, 1976.

OLIVEIRA, Márcia Ramos de. **Lupicínio Rodrigues**: A Cidade, a Música, os Amigos. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1995. Orientação de Helga Iracema Landgraf Piccolo.

OLSON, David. Cultura escrita e objetividade: o surgimento da ciência moderna. In: Olson, David e Torrance, Nancy (org.). **Cultura escrita e oralidade**. Ática, 2. Ed. SP, 1997.

PERKS, Robert, Thomson, Alistair. **The oral history reader**. New York: Routledge, 1998.

POSSAMAI, Zita. **Guardar e celebrar o passado**: O Museu de Porto Alegre e as memórias da cidade. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 1998. Orientação de José Augusto Avancini.

SANTANA, Charles d'Almeida. Memórias, tempos e tradições. In: Montenegro, Antonio Torres; Fernandes, Tania Maria (org.). **História oral**: um espaço plural.

SILVA, Giselda Brito. A Memória Integralista. In: Montenegro, Antonio Torres; Fernandes, Tania Maria (org.). **História oral**: um espaço plural. Recife: Universitária; UFPE, 2001.

SILVA, Neuza Regina Janke. **Entre os valores do padrão e os da nação, como fica o operário?** frigorífico Anglo em Pelotas – 1940-1970. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Pós-Graduação em História do Brasil. Poá, 1999. Orientação Margaret Bakos.